

A CONTRIBUIÇÃO DA ARTETERAPIA PARA A DEFICIÊNCIA FÍSICA



PIXABAY.COM

RESUMO

O presente artigo procura refletir sobre o papel da arte e esclarecer quais os benefícios que ela pode trazer para os indivíduos com deficiência física. Normalmente, o portador de deficiência física acaba perdendo sua autoestima, devido a dificuldades encontradas. Cabe então à arte, propiciar uma reflexão mais saudável sobre o comprometimento da deficiência física, auxiliando no desenvolvimento da personalidade dessa pessoa. A arte dá suporte ao indivíduo, atingindo seus aspectos físicos, psicológicos e sociais, ajudando diretamente na melhora da autoimagem, autoestima, fazendo-o sentir capaz de realizar diferentes tarefas, e de entender sua deficiência, motivando para a realização de suas atividades diárias, mudando as percepções corporais. De forma geral, a arte ajuda na melhora na qualidade de vida, tanto de pessoas que sempre possuíram a deficiência como também daquelas que a adquiriram e também a forma como a sociedade as veem. E é neste sentido que vemos o potencial da Arte, e por extensão da Arteterapia nessa empreitada.

Palavras-Chave: Arte; Deficiência Física; Arteterapia.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a questão dos deficientes físicos, que são pessoas que possuem problemas nos ossos, músculos ou nervos, os quais afetam a estrutura do corpo, dificultando a movimentação e/ou locomoção (MATTOS, 1992).

Arte é a capacidade que tem o homem de, dominando a matéria, por em prática uma ideia

(FERREIRA, 1999).

As artes fazem parte da vida do ser humano, seja ele deficiente ou não. Quando ele desenha ou pinta exprime suas interpretações e impressões a respeito do mundo. Como se tratam de linguagens, as artes são formas importantes de expressão e comunicação do ser humano, o que já justificaria sua presença no contexto da Educação de uma maneira geral (FIOREZZANO et al, 2011).

Dessa forma, é possível afirmar que o indivíduo tem a arte como forma de expressão e caso haja estímulo adequado poderá se desenvolver de forma progressiva e completa (FIOREZZANO et al, 2011). Diante disso, surgiu a pergunta norteadora: “Como a arte pode intervir na vida de pessoas com deficiências físicas?”.

Essa pesquisa se justifica porque hoje em dia, segundo informações da Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que 10% da população de países desenvolvidos são constituídos de pessoas com algum tipo de deficiência. Para os países em vias de desenvolvimento estima-se de 12% a 15%. Destes, 20% teriam algum tipo de deficiência física; porém, apenas 2% recebe atendimento especializado (SILVA, 2004).

Tendo como objeto de estudo o deficiente físico, este trabalho propõe pesquisar como a arteterapia pode intervir na vida dessas pessoas e quais os benefícios que ela pode trazer.

A arteterapia é uma prática fundamentada na Medicina, na Psicologia e em Artes. De um modo

geral, estuda os meios apropriados para socializar, aliviar ou curar os indivíduos através da expressão da arte, trazendo à tona uma ideia, trauma ou fobia (OLIVIER, 2011).

Consoante Philippini (2019), na arteterapia são utilizadas técnicas artísticas variadas que visam promover a comunicação verbal, que, de modo geral, é “camuflada” pelo processo de racionalização. Também existem os chamados “mediadores de expressão”, que são facilitadores do trabalho terapêutico, pois, permitem que a pessoa expresse o seu “eu” interior de maneira não verbal.

Dessa forma, por meio das diferentes expressões artísticas, o indivíduo “é incentivado a participar de um processo de criação e de leitura da sua própria obra, entrando em contato com pontos significativos e/ou conflitivos da sua vida, com a intenção de reorganizá-los e equilibrá-los” (CIORNAL, 2004, p. 42).

Atualmente, a arteterapia é entendida “como um tratamento cuja finalidade é aliviar um estado deteriorado, para que o funcionamento normal do indivíduo se restabeleça, além de proporcionar a possibilidade de reconstrução e integração da personalidade humana” (ABA, 2019).

Assim sendo, podemos inferir que a arteterapia funciona como uma ferramenta de abordagem terapêutica que faz uso de conhecimentos originários das áreas da psicologia, da filosofia e da arte, que tem por objetivo auxiliar o indivíduo a lidar com os desafios apresentados pela vida (OLIVIER, 2011).

Golinelli (2002) afirma que, “do mesmo modo que nas entrelinhas de um texto ou de um discurso oral, muitas coisas podem ser descobertas, e isso também pode ocorrer com a pintura, a escultura, a expressão corporal, a música e o teatro, ao utilizar técnicas artísticas para descobrir e explorar as singularidades interiores de cada um” (p. 18).

Neste sentido, o objetivo principal do trabalho consiste em descobrir os benefícios que a arteterapia pode trazer para pessoas deficientes físicas.

Como metodologia de trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica.

2. ARTETERAPIA BENEFICIANDO A DEFICIÊNCIA FÍSICA

2.1 Entendendo a Deficiência Física

Existem diversas definições para a deficiência física. Deficiência Física é a falta, carência, ou uma variedade de condições não sensoriais que afetam o indivíduo em termos de mobilidade, de coordenação

motora geral ou da fala, como decorrência de lesões neurológicas, neuromusculares e ortopédicas, ou, ainda, de malformações congênicas ou adquiridas (BRASIL, 1999).

Outra definição aceita é a que afirma que deficiência física é aquela que compromete o aparelho locomotor, que inclui o sistema osteo-articular, o sistema muscular e o sistema nervoso. As doenças ou lesões que atingem qualquer um desses sistemas, seja de forma isolada ou em conjunto, podem gerar quadros de limitações físicas de grau e gravidade variáveis, de acordo com o(s) segmento(s) corporais acometidos e o tipo de lesão existente.

Dessa forma, conforme coloca Mattos (1992), a deficiência física ou motora pode ser vista como um distúrbio da estrutura anatômica ou da função, que afeta o movimento e/ou locomoção do indivíduo.

2.1.1 Características do Deficiente Físico

Segundo Maciel (2019), os deficientes físicos, geralmente, apresentam características como:

- Movimentação não coordenada ou atitudes desajeitadas de todo o corpo ou parte dele;
 - Marcha não coordenada, pisa na ponta dos pés ou manca;
 - Pés tortos ou qualquer deformidade corporal;
 - Pernas em tesoura (uma estendida sobre a outra);
 - Seguram o lápis com muita ou pouca força;
 - Dificuldade para realizar atividades que exijam coordenação motora fina. Desequilíbrios e queda constantes;
 - Dor óssea, articular ou muscular.
- Como Identificar um Deficiente Físico:
- Observação com relação ao atraso no desenvolvimento neuro-psicomotor do bebê (não firmar a cabeça, não sentar, não falar no tempo esperado).
 - Atenção para perda ou alterações dos movimentos, da força muscular ou da sensibilidade para membros superiores ou membros inferiores.
 - Identificação de erros inatos do metabolismo.
 - Identificação de doenças infecto-contagiosas e crônico-degenerativas.
 - Controle de gestação de alto-risco.
 - A Identificação precoce pela família seguida de exame clínico especializado beneficiam a prevenção primária e secundária e o agravamento do quadro de incapacidade.

2.2 A Arteterapia

“Arte é a capacidade que tem o homem de dominando a matéria, por em prática uma ideia” (FERREIRA, 1999, p. 27). Segundo Eco (1992), ela é um meio de expressão, de comunicação e de linguagem. A arte pode orientar o desenvolvimento da criatividade, pois criar é expressar a existência

humana. A expressão artística é a troca de energia entre o criador e o objeto criado.

Arteterapia tem sua origem em uma prática milenar, mas é recente enquanto instrumento após a segunda guerra mundial, baseada nas idéias de Jung e influenciada pelo surgimento terapêutico, tendo se desenvolvido de uma nova visão de arte (PAÍN & JARREAU, 1996, p. 26).

A arteterapia é o tema que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos.

Esses recursos são: as linguagens plásticas, sonora, dramática, corporal e literária, envolvendo as técnicas de desenho, pintura, modelagem, escultura, construções, sonorização, musicalização, dança, poesia, confecção de símbolos entre outras (SAVIANI, 2000).

O objetivo não é encontrar artista, então a preocupação não é a estética das imagens produzidas, mas a expressão artística dos pacientes, que é um veículo importante para a comunicação e a expressão, principalmente quando as palavras não são suficientes.

O campo de atuação estende-se a diferentes organizações como: saúde, educação, comunidade, entre outras.

Segundo Saviani (2000), a arteterapia pode ajudar as pessoas que tenham problemas emocionais psicológicos ou que queiram saber mais sobre si mesmos, ou até mesmo grupo de pessoas que apresentam dificuldade em relacionamentos ou que sofram de problemas como o alcoolismo, dependência de drogas, deficiências físicas ou mentais, que apresentam dificuldade de comunicação verbal, entre outros.

As sessões podem ser desenvolvidas individualmente ou em grupo para pessoas de todas as idades, de crianças a idosos, com práticas, dinâmicas, vivências, que valorizam a arte em todas as suas manifestações (SAVIANI, 2000).

2.2.1 Os Benefícios

De acordo com Brandt (2001), ao expressar-se em arte a pessoa relaciona-se consigo mesma voltando-se para a sua profundidade interior.

A arte deve ser trabalhada de forma abrangente, com diversos materiais, abrindo caminhos para o experimento que leva a múltiplas possibilidades, transformando elementos internos e externos em atitudes que facilitam o contato com a natureza criativa de cada ser (BRANDT, 2001).

A arte é desbloqueadora, aproxima a pessoa da sensação e da emoção dando acesso a conteúdos

internos não explicados pela linguagem verbal.

Por meio do criar em arte e do refletir sobre os processos e trabalhos artísticos realizados, os indivíduos podem ampliar o conhecimento de si e dos outros, como: aumentar a autoestima, lidar melhor com os sintomas do stress, com as experiências traumáticas, desenvolver recursos físicos, cognitivos e emocionais, a criatividade, e espontaneidade favorecendo a busca pela harmonia e pela qualidade de vida (LOUREIRO, 2003).

Segundo Paín e Jarreau (1996), na arteterapia os remédios são tintas, papéis, movimentos... Todos os materiais e experiências artísticas acrescentam e permitem o aprendizado de novas formas de viver, desenvolvendo novas habilidades, sentimentos e ações.

O olhar do terapeuta é importante porque cada material cada cor, cada som, cada técnica atua de maneira diferenciada em cada indivíduo e em cada situação.

A arteterapia é um caminho para que o indivíduo descubra possibilidades e encontre soluções criativas para problemas, para que esses sejam enfrentados com maior segurança.

2.2.2 Arteterapia para Crianças com Necessidades Especiais

A Arteterapia, trabalhada em grupos, possibilita tanto o alcance de objetivos pessoais (a individualidade), quanto os objetivos sociais, já que ela fornece à personalidade em formação o viés de integrar-se às necessidades de adaptação às exigências externas da coletividade (URRUTIGARAY, 2008).

Diante do alcance de objetivos pessoais, a Arteterapia costuma reforçar os aspectos saudáveis, permitindo aflorar a sensibilidade para a construção de meios que oportunizem a transformação pessoal e o autoconhecimento. Assim, possibilita a reflexão sobre crenças pessoais e padrões singulares que podem estar influenciando de forma negativa na busca pelo bem-estar pessoal.

Quando se trabalha com um grupo maior de pessoas com necessidades especiais, observa-se que a maioria apresenta em comum, a falta de iniciativa e autonomia para desenvolver atividades básicas de suas vidas. Sempre precisam de alguém para alimentá-los, conduzi-los ao banheiro, optar por determinada cor ou simplesmente dizer se gostam ou não de algo. Normalmente, no início do trabalho, essas pessoas dependem completamente de outra pessoa para realizar qualquer movimento. Pode-se dizer que muitos se encontram em um nível sensorio-motor do seu desenvolvimento e alguns estão mesmo no nível pré-operatório.



PIXABAY.COM

Dentro deste contexto de falta de autonomia, ainda se pode destacar a história individual de cada um. Pode-se encontrar nessas histórias algumas afinidades como, por exemplo, o olhar que os pais e familiares têm destas crianças, que passa pela negação da situação, pela falta de conhecimento do problema e pela maneira como lidam com as crianças que eles geraram. Muitos pais ou mães, por não suportarem a situação, acabam abandonando seus filhos com um genitor ou com outra pessoa da família ou com pessoas que aceitam o desafio de cuidar deles (ARCURI, 2019).

Conforme Winnicott (2001) busca-se, ao mesmo tempo, uma maneira de estruturar e organizar os pensamentos, uma vez que isto parece estar estreitamente ligado ao desenvolvimento da autonomia. Ao trabalhar arteterapia com essas crianças é essencial propor atividades que vão de encontro a essas necessidades.

Ainda na opinião de Winnicott, a criatividade pode aflorar nestas atividades e fazer com que essas crianças percebam que podem criar algo sozinhas, apesar de suas limitações mentais e físicas, não precisando esperar que os outros façam nada por elas. Podem, durante o trabalho arteterapêutico, ter contato com algo que elas não percebiam que

poderiam fazer. Isso será uma descoberta inconsciente, mas com imensas repercussões em seu cotidiano.

“O ser humano se constitui na interação com o ambiente e em sua origem existe um organismo com o potencial herdado e uma força vital para um contínuo vir a ser” (WINNICOTT, 2001, p. 09).

A experiência com a arteterapia propicia às crianças a descoberta do meio que as rodeia e podem refazer e transformar o pensamento e a forma de perceber e de lidar com este meio.

Também, segundo Loureiro (2003), já foi observado que muitas vezes, o grupo de maneira geral se apresenta no nível perceptual-afetivo da ETC, o que significa que nesse trabalho não haverá uma compreensão a nível consciente. No nível perceptua-afetivo, trabalha-se com a maneira como o indivíduo percebe e sente sua interação com os diversos materiais artísticos. Ela é consequência do que foi vivido no nível sensório motor e que recebe a forma, quando se é expresso em desenhos ou em figuras tridimensionais.

A compreensão dos elementos que emergiram até então, e sua organização sequencial, ou sua

organização sequencial, ou sua inserção em contextos mais amplos de vida, ou então o simples reconhecimento de padrões pessoais de ação que ocorrem nessa etapa, podem ser desencadeadores de mudança de consciência, e, portanto de aprendizagem. (ALLESSANDRINI, 2000).

Na opinião de Golinelli (2002), para aprender a criar é preciso que aconteçam interações entre as diversas percepções e sensações que se obtém por meio das próprias experiências. As impressões obtidas através dos sentidos no contato com o meio externo possuem certa tendência a formarem sistemas na mente humana que se integram a outros sistemas, aceitando novas relações, novos sistemas, e assim por diante, criam uma complexa rede de relações.

Piaget (1990) explica essa situação de maneira bastante compreensível por meio dos processos de assimilação, acomodação que conduzem à equilíbrio. Diz-se que no decorrer desse processo, a atitude do sujeito é vista como um desequilíbrio que levará o indivíduo a procurar novos arranjos de sistemas e assim sucessivamente. Partido desse processo amplia-se, cada vez mais, a rede de aprendizagem, tornando o sujeito capaz de dar respostas particulares e próprias dando significados a suas ações, melhor ainda, tem-se a possibilidade de criar novas soluções a antigos paradigmas, conduzindo a pessoa a um crescimento e à transformação.

Esse trabalho de construir uma imagem partindo daquilo que percebem facilita a concepção de novas ideias, sua gestação e nascimento, pois incentiva aquele que dela participa a trabalhar seu mundo interior, dentro de todas as suas qualidades potenciais (ALLESSANDRINI, 2000, p. 07).

Ainda na concepção de Allessandrini (2000), durante os trabalhos poderão surgir os sentimentos mais primitivos, expressados pelas crianças, como a agressividade, a raiva, o medo, o ódio e o amor. Sentimentos que podem expressar enquanto durar a atividade de desestruturação do papel desde o contato com este. Este papel que pode ser utilizado pelas crianças na confecção de uma massa, elaborada por eles, diluída em cola e água. Nessa experimentação a massa torna-se homogênea e ganha consistência, e é por meio desta atividade que pensamentos e ideias podem surgir quase anarquicamente, para em seu desenrolar, serem editados de modo a convergirem à meta também significada na experiência.

Por meio de trabalhos criativos e do surgimento de diversos símbolos, mesmo sem ter consciência, essas crianças poderão ressignificar e encontrar o caminho para obter uma maior autonomia, pois poderão usar de próprios recursos para expressar-se e a partir disso poderão produzir algo genuíno,

pertencente a eles e não a outros.

2.3 A Arteterapia para Deficientes Físicos

Existem aspectos que precisam ser considerados no processo terapêutico com deficientes físicos. A superação de meras dificuldades práticas, por exemplo: transporte para a sessão, como colocar as cadeiras de rodas, confecção de palhetas, pincéis e lápis adequados (SILVA, 2004).

Pessoas em cadeiras de rodas podem participar de atividades grupais de modo que a arrumação das coisas possam deixá-las utilizar os recursos disponíveis, fazendo com que a pessoa com deficiência física sinta-se uma pessoa normal. A deficiência física de uma pessoa a impede de atingir o resultado que esperam, e isto a torna frustradas. Assim é importante tentar usar a própria deficiência física para trazer um sentimento de realização. Por exemplo, um engenheiro havia tido um derrame e, usando canetas hidrográficas, não conseguia fazer as linhas retas que desejava. A arteterapeuta interveio auxiliando-o a apreciar o resultado obtido pelas linhas frágeis. Ele continuou o trabalho com a intenção de colocá-lo em uma exposição de arte dos deficientes (SAVIANI, 2000).

2.3.1 A Arteterapia na AACD

A Arte Reabilitação na AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente) é uma eficiente ferramenta de trabalho terapêutico para portadores de deficiência física. O caráter universal da arte permite sua aplicação como terapia, no tratamento de pacientes adultos e infantis, com diversos graus de deficiência e objetivos variados: promoção de saúde, prevenção específica na reabilitação integrando o indivíduo ao convívio familiar e social, e ainda como forma de assistência em casos crônicos, uma vez que auxilia no desenvolvimento físico-motor, psíquico, emocional e cognitivo, melhorando a autoestima e a qualidade de vida do paciente (ARCURI, 2019).

A coordenadora do setor de Arte Reabilitação da AACD, Ana Alice Francisquetti, explica que

a arte terapia oferece oportunidades de exploração de problemas e potencialidades pessoais por meio da expressão verbal e do desenvolvimento de recursos físicos, cognitivos e emocionais, bem como da aprendizagem de habilidades por meio das experiências terapêuticas com linguagens variadas (apud ARCURI, 2019).

A arteterapia começou a ser aplicada pela AACD em 1992. Os resultados com indivíduos portadores de paralisia cerebral, acidentes vasculares ou traumatismo crânio-encefálico são excelentes; além da diversidade dos trabalhos, cuja beleza está contida nos traços e cores que retratam o rico

universo subjetivo de cada paciente.

Os trabalhos realizados durante as sessões de Arte Reabilitação são expostos mostrando que os pacientes da AACD também podem possuir dons natos para a pintura. Mais do que uma forma de expressão, a arte pode descobrir talentos.

2.3.2 Arteterapia na APAE

Essa é uma foto de um dos pacientes (Cristiano) em uma das sessões de arteterapia. É um exemplo do trabalho que é realizado na APAE, onde o objetivo principal é dar oportunidade para os deficientes físicos participarem do processo de produção da reciclagem de papel, (técnica escolhida por ele) dando a possibilidade de realização pessoal e certa independência (PHILIPPINI, 2019).

O resultado foi a alegria e satisfação de poder realizar a atividade proposta e ser uma possibilidade viva de mostrar capacidades, mesmo que poucas. O que foi feito foi mostrar novas maneiras, possibilidades e adaptações para seu modo de ser.

Figura 1 – Cristiano em uma das sessões de arteterapia



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, vemos uma crescente discussão sobre inclusão social, que atinge diversos grupos da sociedade, os quais por diversos motivos, não participam ativamente da mesma. Nessa questão, inserem-se também pessoas com deficiência física, que até poucas décadas atrás, estavam destinadas a uma vida vegetativa e improdutiva.

Hoje, existem meios legais, constitucionais, que estabelecem direitos e dão condições para que a pessoa com deficiência física torne-se capaz de se desenvolver dentro dessa sociedade.

A partir dessa necessidade salientamos a importância da arte, a qual dá suporte ao indivíduo, atingindo seus aspectos físicos, psicológicos e

sociais, ajudando diretamente na melhora da autoimagem, autoestima, fazendo-o sentir capaz de realizar diferentes tarefas, e de entender sua deficiência, motivando para a realização de suas atividades diárias, mudando as percepções corporais.

A Arte é uma linguagem que dialoga com a mente emocional. As obras de arte mencionam estados emocionais específicos e conduzem, por associação, a vivenciar emoções – alegria, tristeza, angústia, revolta, abandono, entusiasmo, poder – são mensagens emocionais que recolhemos das expressões artísticas nas suas mais diversas modalidades: música, poesia, literatura, teatro, dança, pintura, escultura, etc.

O próprio ato de criação artística é um momento riquíssimo, ao colocar a criatura em contato com seus símbolos e significados muitas vezes inconscientes, para transmitir um estado interior. É autoconhecimento e elaboração de conteúdos internos. Ao pintar ou fazer o desenho, experimentamos emoções e sentimentos que são transmitidos pela obra acabada, seja no tema escolhido, na cor, no material, até mesmo no estilo da pincelada ou do traço. O contato com eles já nos leva a descobrir muito sobre nós mesmos, além da possibilidade de autoeducação, permitindo-nos identificá-los, perceber se são suaves ou penosos, ajudando-nos a expressá-los e encontrar maneiras positivas de canalizá-los.

A arte não discrimina quem a pratica. Ela ajuda a superar preconceitos quando é praticada e reverenciada por pessoas sensíveis e determinadas a superar a si mesmas. Aí, a capacidade de criação dá um grito de liberdade e realiza uma explosão de igualdade, porque a arte não é deficiente.

De forma geral, a arte ajuda na melhora na qualidade de vida, tanto de pessoas que sempre possuíram a deficiência como também daquelas que a adquiriram durante a vida e também a forma como a sociedade os veem.

Ao abraçarmos a ideia de inclusão, estaremos pensando em termos de globalidade, de circuito psicossocial ampliado de rede, questionando continuamente o que o social delega às pessoas socialmente relegadas ao plano de irrecuperabilidade.

Na atualidade, tratamos de conjugar dialeticamente a utopia e a realidade, aceitando o desafio da ambiguidade, isto é, o que Basaglia (apud TRANCHINA, 2000) chamava "de estar na contradição", o que na prática quer dizer estar com o outro e com nós mesmos, trabalhando continuamente para ampliar os poderes (empowerment) dos indivíduos vítimas da exclusão social. E é neste sentido que vemos o potencial da Arte, e por extensão da Arteterapia nessa

empreitada. Experiências como as que foram relatadas neste trabalho, e muitas outras realizadas por todo o mundo e em diversas áreas, poderão ser impulsos e contribuições potentes na transformação do paradigma atual e um passo para nos convenceremos que a biodiversidade (e não a semelhança) é o princípio essencial da vida. É um compromisso ético para o qual estamos sendo provocados. É necessário pensar nesse momento na perspectiva da micropolítica proposta por Felix Guattari (1996), ou seja: buscar, inventar soluções, o singular interferindo e transformando o coletivo. E nós, arteterapeutas, devemos refletir sobre o nosso papel e fazer de nossos espaços profissionais nosso posto de observação e reflexão respeito do futuro que se alarga quando nos dispomos (apesar das vicissitudes), a transformar o presente.

Este trabalho foi feito de forma prazerosa. Ao realizá-lo aprendeu-se a valorizar mais a vida, até mesmo porque qualquer um de nós pode algum dia na vida já ter passado ou vir a passar por alguma condição deficitária. Também despertou mais o desejo de trabalhar com esse público.

A Arte contribui para o desenvolvimento dos alunos. Isso é relevante, uma vez que a Arte humaniza, e o ensino precisa mais do que nunca, da sua utilização, e mais ainda ao tratar da criança com deficiência objeto de estudo dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ABA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ARTETERAPIA. O que é Arteterapia? Disponível em: <www.arteterapia.com.br>. Acesso em: 28 set. 2019.
- ALLESSANDRINI, C. D. Oficina Criativa e Psicopedagogia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- ARCURI, I. G. Arteterapia de corpo e alma. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=ESua7jc0giwC&pg=PA17&lpg=PA17&dq=arteterapia+na+apae&source=bl&ots=OqTIEQ41TW&sig=I3cK6zvP0ILYRmMnyf66nQkyi7A&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEWj-oIWci6jWhUhgZAKHbQVBUy4ChDoAQgrMAE#v=onepage&q=arteterapia%20na%20apae&f=false>>. Acesso em: 30 set. 2019.
- BRANDT, E. Para um mundo com seres humanos mais criativos... In: Revista de Educação: Artes Plásticas. Porto Alegre: v.3, nº 5, 2001.
- BRASIL. Secretaria Nacional de Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Estratégias para a educação de alunos com necessidades especiais. Brasília, MEC/SEF, 1999.
- CIORNAI, S. Percursos em Arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.
- ECO, U. A definição da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERREIRA, H. B. A. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FIORINZANO, J. A. et al. Releitura de obras. Monografia (Pedagogia) – Universidade São Marcos, São Paulo, 2011.
- GOLINELLI, R. Arteterapia na Educação Especial. CIP Brasil - Catalogação na fonte. Biblioteca municipal Marieta Telles Machado, 2002.
- GUATTARI, F. Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1996.

- LOUREIRO, J. de J. P. A Estética de uma ética sem barreiras. Educação, arte, inclusão. Caderno de Textos 3. Programa de Arte sem Barreira/FUNARTE, Rio de Janeiro: ano 2, n. 3, p. 13-19, 2003.
- MACIEL, M. R. C.. Portadores de deficiências: a questão da inclusão social. SP. Perspec. [on line]. Abr/jun., 2004, vol. 14, nº 2. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci>>. Acesso em: 02 out. 2019.
- MATTOS, E. Pessoa portadora de deficiência física e as atividades físicas, esportivas, recreativas e de lazer. In: PEDRINELLI, V. J. Educação física e desporto para pessoas portadoras de deficiência. São Paulo: SEDES/MEC-SESI, 1992.
- OLIVIER, L. de. Psicopedagogia e Arteterapia, Teoria e Prática na aplicação em Clínicas e Escolas. São Paulo: Wak, 2ª. ed. 2011.
- PAÍN, S.; JARREAU, G. Teoria e Técnica da Arteterapia: a compreensão do sujeito. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- PIAGET, J. O nascimento da inteligência na Criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- PHILIPPINI, A. Mas o que é mesmo Arteterapia? In: Revista Imagens Transformação. Vol. 5, nº 5, p.5-9. Rio de Janeiro: Clínica Pomar, set., 2006. Disponível em: <<http://www.arteterapia.org.br/pdfs/masoque.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2019.
- SAVIANI, I. Percursos em arteterapia. Ateliê terapêutico: viver arte, criar e recriar a vida. São Paulo: Autores Associados, 2000.
- SILVA, R. M. da. Proposição de programa para implantação de acessibilidade ao meio físico. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Março 2004.
- TRANCHINA, P. A desinstitucionalização psiquiátrica na Itália: um processo de aquisição de cidadania. In: AMARANTE, P. (org.). A loucura da História. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2000.
- URRUTIGARAY, M. C. Arteterapia – A Transformação pela Imagem. 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- WINNICOTT, D. Desenvolvimento Emocional Primitivo. Revista Brasileira de Psicanálise. São Paulo, 2001.



Cristina Aparecida Miranda da Silva

Pedagoga, Psicopedagoga, Neuropsicopedagoga, Especialista em Docência do Ensino Superior, em Arte na Educação, em Atendimento Educacional Especializado (AEE) e em Arteterapia, formada em Artes Visuais. Professora em cursos de graduação e pós-graduação na área da educação; foi professora na rede municipal de Osasco por 12 anos. Atualmente, Gerente Socioeducativa no terceiro setor. Intitulada professora inovadora município de Osasco nos anos de 2016, 2017 e 2018.